

Mulher negra, adepta do Candomblé e o aborto

Mara Vidal

"A legalização do aborto fará com que a gente não cometa um suicídio indesejado. Quem tem dinheiro para ir a uma boa clínica?"

"É um absurdo, isso vem desde a minha bisavó."
(S.F., 63 anos, 3 filhos, aposentada)

I

Para as mulheres negras, desde a escravidão, a problemática da natalidade, da concepção esteve ligada à sua condição social - fator que hoje continua a predominar na sua opção de ter ou não ter filhos.

Nas 15 entrevistas realizadas, todas as mulheres foram unânimes ao destacar que:

- não é fácil ser negra no Brasil, apesar de toda "falsa" igualdade de oportunidade;
- continua-se a trabalhar como escravos e habitar em submoradias semelhantes às senzalas, porém com alguns componentes eletrônicos da era moderna;
- a situação econômica do país faz com que a população, em geral, pense várias vezes antes de ter filhos, e, no que se refere à população de origem negra, não é diferente, considerando que a sua ascensão nos diversos espaços da sociedade acontece em escala muito menor, comparando-se a outros grupos étnicos.

II

Um pouco destas mulheres

De junho a começo de setembro de 1993, período em que este trabalho foi realizado, as mulheres entrevistadas tinham de 25 a 63 anos; 10 delas tinham filhos; 5 moravam com seus maridos; 4 com companheiros; 2 eram viúvas; 3 solteiras. Uma das solteiras era contra o aborto; 13 já viveram essa experiência. Todas vivenciavam sua sexualidade.

A partir da leitura das informações levantadas, nas entrevistas, destaco três pontos e algumas falas que parecem importantes nesta análise.

1) Histórico

Ser negra/cidadã no Brasil de hoje é conviver com conflitos e confrontos gerados desde a vinda dos africanos para este continente. Não obstante a negação da existência do preconceito racial a população negra vive sob o estigma dos tabus, dos papéis sociais a que foi submetida, construídos no século XVI, período da colonização.

Constantes embates pela sobrevivência, pela conquista de espaço digno na sociedade, têm marcado a história da vida da maioria dos descendentes desta população.

As mulheres têm na memória, construída através da oralidade, o fato de suas ancestrais reagirem a imposições do regime escravagista, e referem-se a essa situação para apresentar uma postura diante das decisões relacionadas ao seu corpo.

"No tempo da escravidão as negras e negros reagiam com o 'banzo', as mulheres davam o peito apimentado para o nenê sinhozinho mamar. Hoje que aquela escravidão acabou posso ser senhora de mim, decidir sobre meu corpo. Meu companheiro tem o dele, que faça as boas decisões dele." (J.S. 39 anos, 2 filhas, costureira)

"Não tenho culpa por ter feito aborto. Não sinto culpa. Não adianta colocar isso na minha cabeça. Desde os tempos da escravidão a gente é colocada como culpada. Primeiro porque não tínhamos alma, depois porque a nossa cor e a nossa vivacidade era vista como coisa do demônio. Ora, basta, né." (R.O., 46 anos, 2 filhas, enfermeira)

"Muita coisa na história me parece imposição. Mulher tem que casar e ser boa esposa, ter filhos e ser boa mãe, dedicada, carinhosa. Mas eu não sou ligada em criança. Quero que me respeitem." (L.S., 37 anos, 1 filho, operária)

2) Econômico

Se a situação econômica da maioria da população brasileira está em baixa, alguns dados revelam que, em relação às mulheres, os fatores podem ser acrescidos, a fim de demonstrar em que contexto elas lutam pela manutenção de suas famílias.

Segundo estudos publicados em "*Mulheres Latinoamericanas em Dados*", nas regiões do Nordeste e Sudeste, há um maior número de mulheres negras sozinhas "*por serem solteiras, separadas ou viúvas*".

A partir dos anos 70, tem crescido o número de mulheres chefes de família, e os percentuais são ainda maiores na população negra.

Outro fato a salientar é que, embora os dados demonstrem a evolução das mulheres ascendendo a outros ofícios de trabalho (área técnica, trabalhos de escritório, comércio, etc), ainda é muito forte a presença, principalmente das negras, nos serviços domésticos (faxineira, lavadeira, cozinheira, empregada doméstica...), atividades mal remuneradas e desconsideradas socialmente no nosso país.

Deve-se considerar, ainda, os índices que apresentam as mulheres recebendo a renda mensal equivalente, em média, a 54% do renda dos homens.

"Fiz 3 abortos e não me arrependo. Ter filho não é um jogo, que você deixa o pião rodar no chão para ver onde e como parar. A vida do dia-a-dia é cara, exige estrutura financeira." (M.P., 30 anos, secretária, sem filhos)

"A vida não está fácil. Sou separada e cuido sozinha dos meus 4 filhos. O negrão se engraçou com outra e vinha em casa só pra trocar de roupa. De vez em quando olhava aqui pra crioula. Quando peguei outro filho, não tive dúvida: tomei uns chá. Não tenho condições de colocar mais um pra sofrer no mundo." (E.L., 42 anos, 2 filhas e 2 filhos, professora)

"Tive uma gravidez que não desejava. E nem tinha condições financeiras para ter a criança, então, tirei. Fiz uma curetagem, conheço outros métodos como sonda, um monte de chá, comprimidos, injeções." (S.O., 1 casal de gêmeos, sacoleira)

"Os métodos anticoncepcionais nem sempre são seguros, são impostos pra gente e caros, quando não se dá com a pílula, não dá pra confiar na tabela. Quando fura o esquema o jeito é tirar, o que se torna um incômodo e não uma vida." (T.S., 48 anos, 2 filhos, funcionária pública)

"Aborto é um ato criminoso. É interromper uma vida." (K.M., 27 anos, 1 filha, professora)

"Crime é não ter o que dar pra comer, deixar o filho trancado no barraco para ir trabalhar. É achar que a criança é um estrupício, que não deixa a gente aproveitar a vida."

tar a vida. O melhor é se cuidar para não ter." (M.C., 53 anos, 3 filhos, doceira)

"Passo o dia trabalhando fora e ainda faço uns bicos em casa. Tem dia que nem consigo olhar pras meninas direito. Sozinha, pra dar uma vida decente pra elas é muito difícil. A vida está pela hora da morte. Com certeza, se eu ficasse grávida, tiraria." (C.M., 32 anos, 2 filhas, merendeira)

3) Vida e solidão

A consciência de ser gente, dos desejos e prazeres, da possibilidade de realização dos sonhos de uma vida melhor tem exigido das mulheres momentos de solidão, principalmente nas decisões relacionadas aos destinos de suas vidas e dos filhos e filhas dependentes.

A solidão, muitas vezes, é acompanhada, pois o homem faz presença na vida e no espaço doméstico, mas não se faz presente e companheiro no cotidiano.

"Não aguento ouvir: 'A filha é tua. Olha o que essa criatura está fazendo, com quem anda'. Ter ou não ter filho é uma decisão hoje, pra mim muito solitária." (J.S., 39 anos, 1 filha, costureira)

"O aborto é uma decisão da mulher, porque ela é que passa tudo." (S.F., 63 anos, 3 filhos, aposentada)

"Um filho tem que ser desejado, não é fácil ter filho, principalmente quando a gente carrega a maioria das decisões nas nossas costas." (A.C., 56 anos, 1 casal de filhos, lavadeira)

"Mesmo sendo um homem estudado e militante de esquerda, ele é um machão. Não gosta e não usa camisinha. Eu que me vire com a pílula e outras coisas para evitar filho. É muita responsabilidade pra gente sozinha, e a decisão de abortar é só mais uma no meio de todas as outras." (V.A., 29 anos, advogada, casada, sem filhos)

"Chorei muito apesar de estar decidida. Eu estava só, sentia meu corpo invadido e muitas dores. Um homem não sabe o que é isso."

Os depoimentos e opiniões com relação ao aborto foram pedidos a estas mulheres que, no início da conversa, tinham um olhar desconfiado e o rosto tenso por:

- estar falando de um assunto proibido;
- ter vivido e acompanhado uma amiga nessa experiência de dor e alívio;
- saber da angústia da solidão e do compromisso do sustento da família, com um salário minguado e contado.

Mas também esteve presente a alegria quando falavam da busca do prazer na sexualidade; da coragem de ser agente nos momentos de afeto; do desen-

volvimento dos filhos; da hora de ir para o terreiro dançar e louvar a sua divindade fonte de energia, de axé para a labuta do dia-a-dia.

"Eu sou uma mulher que gozo muito, em várias posições. Eu acho que quando estou no pleno gozo sexual estou tocando Deus." (V.G., 40 anos, 3 filhos, professora)

